

O gênero biografia e a paisagem cultural: construções do patrimônio cultural

The textual gender biography and the cultural landscape: constructions of the cultural heritage

El género textual biografía y el paisaje cultural: construcciones del patrimonio cultural

Marília Garcia Boldorini¹
Roberta Barros Meira²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille). *E-mail:* mariliaboldorini@gmail.com

² Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. *E-mail:* rbmeira@gmail.com

Resumo: Este texto pretende verificar a importância da literatura, por meio do gênero textual biografia, para a construção de representações do patrimônio cultural de determinado grupo social com foco na paisagem cultural. A literatura consiste num conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético de um país, por vezes retratando o povo, os lugares, as tradições e os costumes. Para o desenvolvimento do trabalho, procurou-se ressaltar quão significativa é a paisagem cultural em textos da literatura. Afinal de contas, a paisagem cultural na literatura consiste numa representação conforme a perspectiva do autor. A investigação, de cunho descritivo e qualitativo, terá a linguagem como o ponto primordial da abordagem, com base em fontes bibliográficas e documentais. Portanto, intenciona-se com isso perceber se é possível considerar textos literários em estudos sobre a paisagem cultural, além de constatar se a literatura pode ser vista como auxílio na construção do patrimônio cultural.

Palavras-chave: patrimônio cultural; paisagem cultural; literatura; discurso patrimonial; papel da literatura.

Abstract: This article aims to verify the importance of literature, through the textual genre biography, to the construction of cultural heritage representations from a specific social group, focusing on the cultural landscape. The literature is a group of literary books of noticeable aesthetic value from a country that, many times, depicts its people, places, traditions and habits. To develop this investigation, we highlight how significant the cultural landscape is in literary texts. After all, cultural landscape in literature is a representation according to the author's perspective. The descriptive and qualitative investigation had the language as the main point of the approach, based on the analysis of bibliographic and documental sources. Therefore, we intend to check if it is possible to consider literary texts in studies about the cultural landscape, besides to determine if the literature may assist the cultural heritage construction.

Keywords: cultural heritage; cultural landscape; literature; patrimonial speech; literature function.

Resumo: Este artículo pretende verificar la importancia de la literatura, por medio del género textual biografía, para la construcción de representaciones del patrimonio cultural de determinado grupo social, con enfoque en el paisaje cultural. La literatura es un conjunto de obras literarias de reconocido valor estético de un país, a veces retratando el pueblo, los sitios, las tradiciones y las costumbres. Para el desenvolvimiento de este trabajo, he procurado resaltar cuán significativa es el paisaje cultural en textos literarios. A fin de cuentas, el paisaje cultural en la literatura es una representación de acuerdo con la perspectiva del autor. La investigación, de carácter descriptivo y cualitativo, tiene el lenguaje como el punto primordial del abordaje, con base en fuentes bibliográficas y documentales. Por lo tanto, se tiene con eso el objetivo de percibir se es posible considerar textos literarios en estudios sobre el paisaje cultural, además de constatar se la literatura puede ser vista como una ayuda en la construcción del patrimonio cultural.

Palabras clave: patrimonio cultural; paisaje cultural; literatura; discurso patrimonial; papel da literatura.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado do início de uma dissertação de mestrado que trata dos valores e significados do gênero textual biografia e o confronto entre os discursos literários, históricos e patrimoniais na construção da paisagem cultural da cidade de Joinville (SC). O objetivo parcial deste estudo, por sua vez, foi verificar a importância da literatura, por meio do gênero textual biografia, para a construção de representações do patrimônio cultural de determinado grupo social com foco na paisagem cultural.

Hoje em dia cresceu o interesse por livros de memórias, e um desses gêneros mais populares é a biografia. Esse tipo de texto resulta na demonstração de tensões entre o homem e as estruturas sociais, construindo uma relação dialética e assegurando à narrativa o caráter de um processo como sujeito (AVELAR, 2010).

Essa proliferação de livros de memórias no mercado editorial pode ser explicada por Huyssen (2000), que constata que a nossa cultura está obcecada com a memória e teme o esquecimento. Assim, faz questão de registrar tudo, como uma forma de manter o passado sempre presente. São os espectros do passado assombrando a sociedade e articulando, pela via do deslocamento, um medo crescente do futuro, num tempo em que a crença no progresso está profundamente abalada. Por isso o passado está vendendo mais do que o futuro.

Uma parte dos exemplares de livros de memórias hoje encontrados em livrarias é composta com base em depoimentos orais, por jornalistas e/ou escritores que não possuem conhecimentos específicos sobre os indivíduos em foco. Inúmeras obras são apenas iniciativas comerciais, motivadas por um mercado editorial ansioso por consumir memórias e biografias de figuras públicas da atualidade (AMADO; FERREIRA, 2006). Borges (2009 *apud* AVELAR, 2010), por exemplo, preocupa-se com a questão de não consumir o biografado como um produto, afinal a vida é diferente do objeto que expomos e vendemos.

A biografia consiste em uma narrativa oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa. Em termos etimológicos, Borges (2005 *apud* ALMEIDA, 2014) esclarece que a palavra *biografia* vem do grego *bios*, que significa vida; *graphein*, escrever; e *ia*, partícula formadora do substantivo abstrato. Então, biografia constitui a escrita da vida.

A questão fundamental do estudo da biografia é, segundo Avelar (2010), o fato de, por intermédio dela, ser possível fazer uma análise macroestrutural da sociedade e dos quadros explicativos. O detalhamento biográfico tem a funcionalidade de ilustrar a realidade mais ampla por meio de um indivíduo que é usado como exemplo, como uma imagem de uma construção social.

A biografia é um tipo de discurso pertencente ao conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético de um país, ou seja, a literatura. Logo, a literatura consiste numa das narrativas que constroem o patrimônio em seus diversos momentos.

O filósofo e linguista Todorov (2010), por exemplo, acredita que a língua, modo pelo qual se dá a literatura, não é uma ferramenta neutra, mas está impregnada de pensamentos, uma vez que descreve a realidade transmitindo uma visão de mundo. Ortiz (2013) compartilha dessa mesma ideia no momento em que traz o termo “raças linguísticas” para referenciar-se a famílias de idiomas, que superam o elemento natural e passam a confeccionar a mentalidade do povo.

Então, compreender um dos instrumentos da linguagem tem fundamental importância na questão da identidade nacional e do patrimônio cultural desse grupo. A língua é tão relevante para Todorov (2010) que ele pensa que seja a característica mais saliente e determinante da composição da identidade cultural. Comum a milhões de pessoas, trata-se de parte preciosa da nossa identidade e cultura essencial, afinal por ela se torna possível o domínio dos códigos comuns que permitem entender o mundo.

Essa compreensão de mundo de que Todorov (2010) fala ocorre por meio de representações, as quais não são simples reflexos dos fatos, nem somente aproximações estatísticas. Elas, em vez de refletirem passivamente a natureza das coisas, organizam-se de modo peculiar. Logo, são o resultado de combinações e escolhas que poderiam ter sido diferentes. Por conseguinte, a representação que temos a respeito de cultura não é automática, mas fruto de uma construção que se processa a todo instante.

A discussão trazida pelo linguista acerca das representações de cultura, pilar fundamental da identidade nacional e que se reflete no patrimônio cultural, começou no Brasil na década de 1930, logo após a Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo no ano de 1922.

Tal movimento tinha como propósito trazer à cena cultural novos valores estéticos identificados com as vanguardas europeias, mas ao mesmo tempo voltadas para a valorização de um passado nacional, desvalorizado até então, e a ruptura com o academicismo em alta na época. Os modernistas pregavam o resgate de um Brasil mais mestiço, ou seja, mais indígena, africano, caboclo e caipira, e menos dependente dos padrões europeus.

Um dos destaques desse evento foi o intelectual Mário de Andrade, que sempre tratou das questões relativas ao patrimônio cultural, à memória e à identidade nacional, ressaltando a todo o momento sua importância para a formação do povo brasileiro.

Assim, a pedido do ministro da Educação à época, Gustavo Capanema, Mário de Andrade – então diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo – elaborou um documento, conhecido mais tarde como o anteprojeto da Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), cujo objetivo era organizar um serviço de fixação e defesa do patrimônio artístico nacional.

Iniciou-se, portanto, uma síntese cultural que procurava abarcar as múltiplas faces da brasilidade (IPHAN, 2015). A visão de cultura de Mário de Andrade reconhecia a importância de todas as manifestações do povo brasileiro, do erudito ao popular, do saber científico ao saber empírico, contudo não bastava reunir todo o conhecimento brasileiro; era preciso divulgá-lo também.

Tudo isso se refletiu no anteprojeto do Sphan. O documento norteou sua política pelas noções de tradição e civilização, com ênfase na relação com o passado. Logo, os bens culturais classificados como patrimônio deveriam fazer a mediação entre os heróis nacionais, as personagens históricas, os brasileiros de ontem e de hoje, tudo isso com a intenção de educar a população a respeito da unidade e permanência da nação (CPDOC, 2015; IPHAN, 2014).

Todavia, o Decreto-Lei federal n. 25/1937, quando foi instituído, limitava-se ao direito de propriedade e trazia como definição brasileira sobre patrimônio histórico e artístico nacional aquilo que podia ser tombado. Tal proposta girava em torno de ideais de civilização e tradição (OLIVEIRA, 2010).

O conceito de patrimônio cultural foi ampliado somente na Constituição Federal de 1988, citando além dos bens concretos também os imateriais, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (CARREIRA, 2012), e em 2000, com a missão de construir por intermédio do patrimônio a identidade cultural nacional.

Quando pensamos em patrimônio cultural, identidade nacional e representações do povo brasileiro, Arruda (2006) explica que, desde a chegada dos europeus às Américas, a natureza tem sido um dos principais temas para a produção de discursos, símbolos e imagens sobre o país. A natureza não assumiu os mesmos significados para os vários grupos sociais que a habitaram ou a utilizaram. Tais significados também mudaram ao longo dos anos, embora se lute para que se alcance uma representação capaz de ser entendida como única, tendo em vista a homogeneidade da cultura nacional.

Assim, procura-se alcançar com este artigo respostas para as seguintes perguntas: a literatura pode ser um dos descritores dessa espacialidade para auxiliar na construção do patrimônio ambiental? Pode-se considerar a biografia, de maneira específica, em análises sobre a paisagem cultural?

REVISÃO DA LITERATURA

Este artigo parte do princípio de que a literatura é um exemplar dos valores estéticos e culturais do país e que por meio dela é possível entender tensões da sociedade naquele contexto sócio-histórico, de maneira a ajudar na construção do patrimônio cultural de determinado grupo social, enfocando a paisagem cultural.

Sobre o assunto, Bosi (2005) explica que a literatura é a representação das ideologias dominantes, provando que toda obra literária reproduz os traços básicos do seu tempo. Navarrete (2011) concorda com a autora, garantindo que a literatura como construção ideológica é determinada pela posição do autor na estrutura social. Logo, a obra literária só seria compreendida da realidade, seja social, seja econômica, exterior a ela. O patriarca do pensamento conservador francês Louis de Bonald, por exemplo, definia a literatura como expressão da sociedade. Todavia, Bosi (2005) assegura que a melhor literatura não acolhe passivamente a imagem da sociedade que fornece a ela o cotidiano anestesiado pelos discursos espalhados sobre o que aí está.

Torna-se então impossível analisar uma obra literária sem levar em conta o cenário em que ela está inserida, pois a literatura trata das representações do real à vista de experiências imaginárias acerca do mundo exterior. Logo, pode-se pensar o fator *meio* como o principal motivador da literatura, sendo o meio aqui entendido como o conjunto de elementos materiais e circunstanciais que influenciam um organismo vivo e de um grupo social, como aquele estabelecido pela família, profissão, classe econômica, contexto geográfico etc. a que pertence uma pessoa (HOUAISS, 2001).

Além disso, as representações exercem influência considerável sobre os comportamentos adotados pela sociedade e como imagem de mundo forçosamente incompleta e infiel, embora compartilhada pela maioria da população. Qualquer percepção é uma construção. Então, faz-se necessário escolher entre tais percepções.

A paisagem cultural na biografia, por exemplo, ou na literatura de forma geral, consiste numa representação conforme a perspectiva do autor. É disso que nos fala Schama (1996) quando diz que, embora estejamos acostumados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos diferentes, elas são inseparáveis, pois a paisagem é obra da mente, sendo composta de lembranças e de estratos de rochas. Arruda (2006) ainda afirma que a literatura consiste no relato dos eventos em determinado território, sobre o qual a geografia e a história projetavam seus conhecimentos para referendar as possibilidades de hegemonia e soberania da nação e a construção de um sentido de comunidade.

Para enfatizar essa questão, recorre-se à afirmativa de Moraes (2011, p. 6): “Os textos literários expressam contextos espaço-temporais, como [...] a urbanização da sociedade, as cidades, as expressões culturais e as religiosidades. Logo, há uma geograficidade nos textos literários”.

Dessa geograficidade contida na literatura falam Olanda e Almeida (2008, p. 8):

A leitura e a interpretação de obras literárias tornam-se, para o geógrafo humanístico, objetos de investigação, pois revelam e informam sobre a condição humana: os estilos de vida, as características sócio-culturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada. Nessa acepção, reconhece-se a obra literária como documento de

certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos de determinado lugar. Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma determinada sociedade em certo período.

Em seu artigo, as autoras trazem o teórico Tissier (1991 *apud* OLANDA; ALMEIDA, 2008), que vê as obras literárias como o encontro da literatura e da geografia, afinal o texto diz respeito a um lugar específico, vinculado à paisagem, ao conteúdo humano e social. Por consequência, a geografia, englobando o lugar, o conteúdo humano, o cotidiano, as representações e a paisagem cultural, serve como pano de fundo para a arte.

Deve-se pensar que a literatura reinventa o mundo mediante concepções subjetivas das personagens enfocadas nas narrativas, bem como dos lugares, nas paisagens literárias. Ou seja, o espaço é peça-chave na obra literária, pois ele é o recurso da instalação das ficções, ou verossimilhanças, e suporte das fantasias, materializando-se e ganhando autonomia sobre o mundo externo (MORAIS, 2011).

Querendo-se compreender como acontece o discurso literário em relação ao contexto e a geograficidade retratados em livros de literatura, chegou-se então ao termo paisagem cultural, que não se limita às visibilidades panorâmicas, porém engloba ainda a sensibilidade e a percepção política, social, econômica, cultural e religiosa (MORAIS, 2011).

Compactuam com essa afirmação Fraga e Silveira (2014), que complementam o conceito de paisagem com a ideia do reflexo e da marca impressa na sociedade dos homens na natureza. Tal qual um espelho, ela acaba por refletir ferramenta e cenário. Também, está em constante evolução, móvel e frágil, nem estática, nem condenada.

Escolheu-se a biografia para tratar da importância da literatura para a construção de representações do patrimônio cultural, enfocando a paisagem cultural, pois na biografia se tem um retrato da sociedade exemplificada em um indivíduo, mediante uma narrativa que tece fatos particulares da vida dele. Então, é possível ilustrar uma realidade ampla via uma pessoa geralmente icônica para aquele grupo social.

Nessa linha de raciocínio deparamos com Levi (2006), que explica que a biografia compõe um canal privilegiado por intermédio do qual questionamentos e técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia, porém ela é diferente de uma obra ficcional, já que pode ser posta à prova de verificação pelos critérios e métodos do estudo científico.

Todavia, Schmidt (2004), ao discutir como os historiadores estão praticando o gênero biográfico, mais precisamente a maneira como estão escrevendo a vida de suas personagens, não vê por parte dos historiadores grande interesse teórico pela narrativa biográfica, apesar de sua numerosa produção de obras do gênero.

Os historiadores buscam nas obras literárias apenas inspiração estética formal, ou seja, questões de estilo propriamente dito, enquanto poderiam se atentar às diversas e peculiares possibilidades cognitivas oferecidas por essas referências. Eles não podem ficar imunes às provocações, além de estéticas, epistemológicas que vêm da literatura.

Logo, questiona-se: a literatura tem função histórica? Como assegura Almeida (2014, p. 310), “antes de ser uma fonte para se conhecer a história, Borges aponta que não há nada melhor para se saber como é o ser humano do que se dar conta de sua grande variedade, em tempos e espaços”.

Não se pode considerar, tampouco, que o contexto seja imutável e homogêneo no tempo e no espaço. Ele sofre modificações e o biógrafo deve perceber essas mudanças e indicar no texto como essas alterações afetam o comportamento do biografado (ALMEIDA, 2014, p. 304).

Por conseguinte, volta-se à mente a todo o momento a questão: a literatura em geral, exemplificada aqui pelo gênero textual biografia – tendo em vista ser ela o objeto de pesquisa

aqui –, pode ser vista como um dos pilares da construção do patrimônio cultural?

Conforme o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC, 2015), o patrimônio é aquilo que representa simbolicamente a identidade e a memória da nação. Já na perspectiva de Silva (2001, p. 26 *apud* ESQUINSANI; ESQUINSANI, 2010), patrimônio cultural são todas as coisas criadas pelo homem mediante a projeção de valores. Bruno (1998 *apud* OLIVEIRA, 2010), por sua vez, conceitua patrimônio como o conjunto de objetos derivados das relações do homem com o meio ambiente e com outros homens, bem como a interpretação dessas relações.

Logo, uma obra literária pode ser considerada tanto patrimônio cultural imaterial, pois contribui para a formação cultural e memória de um povo, quanto material, como livro e outras mídias, por ser físico, tangível e palpável (ESQUINSANI; ESQUINSANI, 2010). Ou seja, consiste num bem material que, se tomado em seu alcance, amplitude e representação simbólica, vai além de qualquer materialidade suposta:

Insere-se no inconsciente coletivo, define pontos de vista, aguça identidades, manifesta sentimentos, congrega valores enfim, estabelece vínculos de pertença. [...] Trata-se da manifestação de valores, vontades, sonhos e atitudes que são alusão a um comportamento coletivo (ESQUINSANI; ESQUINSANI, 2010, p. 211).

Na obra são expressos valores não materiais, como credices, cultos, danças, que não compreendem produtos culturais apreensíveis fisicamente, num suporte material. Por consequência, pode-se pensar a literatura como um bem patrimonial de estatuto híbrido.

Esquinsani e Esquinsani (2010) afirmam que a única forma de salvaguardar e divulgar o patrimônio cultural contido em uma obra literária é por meio da leitura dessa obra. Eles ainda fazem uma comparação entre a leitura e o tombamento, a restauração e/ou a conservação do patrimônio; ambas as ações exercem as mesmas funções: salvaguardar e divulgar o patrimônio cultural.

Quando se fala em ler a obra a fim de salvaguardar o patrimônio contido nela, vai-se além de uma atividade curricular. O ato envolve memória pessoal e coletiva, referendando o patrimônio cultural do grupo e adensando tanto a história pessoal quanto a coletiva, mobilizando a mente e o afeto, e também se olha o potencial identitário do livro, em detrimento da visão de consumo cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, derivada de uma dissertação de mestrado, ainda está em construção. Assim, apresentam-se aqui resultados parciais alcançados até agora. Embora não tenha sido finalizada até esse momento, a investigação já identificou algumas questões no que concerne à discussão.

Pensou-se no gênero textual biografia para trabalhar a questão da paisagem cultural pela ausência de discussões concernentes à geografcidade no texto biográfico. Em pesquisas feitas em relação ao assunto, viu-se que a temática foi muito discutida nos gêneros textuais jornalísticos, por exemplo, em romances, poesias, contos e fábulas, mas nada se encontrou sobre paisagem cultural na biografia, embora seja impossível não associar a descrição da vida de um indivíduo a fatos da época e da sociedade em que ele está inserido. Afinal, o gênero descreve uma história de vida, vida que só se desenrola em decorrência dos acontecimentos a sua volta e do local em que se vive.

Quando falamos de patrimônio ambiental e de paisagem cultural representados na literatura de determinado grupo social, percebemos que um dos temas mais importantes

e icônicos desses textos é a natureza. Com base nela foram produzidos representações, discursos, símbolos e imagens sobre o país, que foram diferentes conforme o grupo social que a habitava ou a usava. Com diversos significados através do tempo, sempre se procurou alcançar uma representação única, objetivando a homogeneidade da cultura nacional.

O objetivo deste artigo foi verificar a importância da literatura, por meio do gênero textual biografia, para a construção de representações do patrimônio cultural de determinado grupo social com foco na paisagem cultural. Afinal, conforme Benjamin (1994), a narrativa e suas variações são isentas de parcialidade. Portanto, nenhum texto é neutro. Todo e qualquer texto expressa um ponto de vista peculiar e específico de quem o escreve. Um poderoso suporte para a construção de identidades é a narrativa (ARRUDA, 2006), englobada pelo discurso literário.

Como dito por diversos autores aqui expostos, a natureza é a maior riqueza brasileira e deve-se partir daí a construção da identidade nacional, pois o cruzamento entre a natureza e o tempo produziu e ampliou a ideia de patrimônio para provar que este é específico, singular e que se diferencia dos outros (ARRUDA, 2006). Fora isso, a literatura consiste numa das formas de descrever o povo, a paisagem e as memórias, formando um dos pilares da cultura nacional. Logo, não deve ser excluída nem deixada de lado em estudos sobre a paisagem cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francisco Alves de. A biografia e o ofício do historiador. **Dimensões**, Vitória, v. 32, p. 292-313, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/8338/5916>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: _____; _____ (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

ARRUDA, Gilmar. O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 110-125, 2006.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Vitória, v. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, p. 315-334, 2005.

CARREIRA, Grace Laine Pincerato. Patrimônio cultural imaterial: do anteprojeto de Mário de Andrade à Constituição de 1988: aspectos relevantes. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS, 1., Fortaleza, set. 2012. **Anais...** Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.direitosculturais.com.br/download.php?id=118>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). **Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 2015. Disponível em: <cpdoc.fgv.br/produção/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/SPHAN>. Acesso em: 2 jun. 2016.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira; ESQUINSANI, Valdocir Antonio. Patrimônio cultural, leitura e formação: a atuação docente. **Projeto História**, n. 40, p. 205-222, jun. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/6130/4452>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

FRAGA, Nilson Cesar; SILVEIRA, Heitor Matos da. Paisagens desveladas e (re)criadas pelas artes: o território identitário do Contestado. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 1, p. 554-571, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/20314/15366>>. Acesso em: 5 maio 2016.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 2001. 1 CD-ROM.

HUYSSSEN, Andrew. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: _____. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Pereira. São Paulo: Contexto, 2000. p. 9-40.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan). **Educação patrimonial**: histórico, conceitos e processos. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2016.

_____. **Mário de Andrade**. 24 fev. 2015. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1024/mario-de-andrade>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

MORAIS, Marcelo Alonso. O estudo de paisagens culturais através da literatura de matriz africana: uma experiência em escola. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, p. 1-7, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST1/018%20-%20Marcelo%20Alonso%20Morais.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2016.

NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a literatura. **Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 2, n. 3, p. 23-56, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/download/2660/2422>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/12490/11722>>. Acesso em: 5 maio 2016.

OLIVEIRA, Eduardo Romero de. Memória, história e patrimônio: perspectivas contemporâneas da pesquisa histórica. **Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. 22, p. 131-151, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/1184/728>>. Acesso em: 4 maio 2016.

ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 609-633, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a08v28n3.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

SCHAMA, Simon. Introdução. In: _____. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, v. 8, n. 10, p. 131-142, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/benito-schmidt-grafias-da-vida-reflexoes-sobre-a-narrativa-biografica.html>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

TODOROV, Tzvetan. As identidades coletivas. In: _____. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Petrópolis: Vozes, 2010.